



DETERMINAÇÃO DE OCRATOXINA A POR CLAE EM VINHO TINTO NACIONAL E INTERNACIONAL

Ishikawa, A.T.¹; Doro da Silva, D.L.²; Takabayashi, C.R.¹; Martins, L.M.¹; Barradas, A.¹; Yamada, R.Y.¹; Médici, L.M.¹; Souza, T.M.¹; Nixdorf, S.L.³; Ono, E.Y.S.⁴; Hirooka, E.Y.¹

¹Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos – Universidade Estadual de Londrina- Londrina, PR, e-mail: angelicaishikawa@hotmail.com

²Hospital Universitário Norte do Paraná - Universidade Estadual de Londrina- Londrina, PR

³Departamento de Química – Universidade Estadual de Londrina- Londrina, PR

⁴Departamento de Bioquímica e Biotecnologia – Universidade Estadual de Londrina- Londrina, PR

A segurança na cadeia produtiva de vinho deve ser assegurada desde o campo, devido à ocorrência de *Aspergillus niger* e *A. carbonarius*, comumente associados à uva, sendo o último, o maior produtor de ocratoxina A (OTA), análogo tóxico predominante. OTA é primariamente nefrotóxica, considerada pela *International Agency Research on Cancer*, como carcinogênica à animais e possível carcinógeno ao homem (grupo 2B). O presente trabalho objetivou quantificar os níveis de OTA em vinhos nacionais e internacionais. Avaliou-se 134 amostras por Cromatografia Líquida de Alta Eficiência (CLAE), com Limite de detecção (LD) = 0,03 ng mL⁻¹ e Limite de quantificação (LQ) = 0,07 ng mL⁻¹, sendo 96 amostras do Brasil, cinco do Chile, 28 da Argentina, três de Portugal, um da Itália e um da França. Os vinhos tintos, da safra de 2004 a 2010, foram cedidas por Odilson Peliser do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), e também adquiridos no comércio. Entre as amostras brasileiras, apenas 8,3 % (8 amostras) apresentaram contaminação, variando de 0,14 a 0,41 ng mL⁻¹, com média de 0,21 ng mL⁻¹; 3,6 % (1) das amostras argentinas apresentaram contaminação de 0,12 ng mL⁻¹, e 100 % dos vinhos de Portugal e França apresentaram contaminação de 0,33 ng mL⁻¹ e 0,99 ng mL⁻¹, respectivamente. A contaminação de vinho nacional e internacional por OTA foi baixa. Os vinhos europeus apresentaram maior frequência com baixo nível de contaminação por ocratoxina A, estando dentro do limite máximo permitido pela Legislação Brasileira e Comunidade Européia (2 ng mL⁻¹).

Agradecimentos: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Financiadora de Pesquisa e Projetos (FINEP); Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI); Fundação Araucária; Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.